

47ª Semana Mineira de Folclore

Na Solidão

Antonio J. Amadi

Uma homenagem ao Dia do Folclore - 22/8

A mata se cerra sombria, terrível...
Bravias luxúrias borbulham fecundas
na seiva dos trópicos.
De troncos, raízes e frondes gigantes,
que árvores monstros!, que ermos
bravios!
Paus d'arco, angelins e cinzentos torens
enredam-se ali
a rígidos caules e copas folhudas
de grãs sapucaias.
De altíssimos leques, vicejam pujantes
palmeiras-juçara, indaiás, buritis...
Por tudo, sem conta, cipós..., parasitas...,
espinhos... O inferno!

À tarde, em seus pousos nas altas
ramagens,
tucanos descansam.
Nos charcos gargalham em grito
estridente
socós ermitões.

Na agreste beleza do calmo poente
no mato se avultam estalos que, ao
longe,
os ecos repetem.
De pé às avessas,
batendo nos troncos de suas sapopemas
está o CURUPIRA a ver se suportam,
se firmes bastante pra o vento
escorarem.

Se nuvens espessas, nas noites de lua,
ao astro escondendo lhe roubam o
clarão,
o bugre no mato, berrando pra os céus,
os galhos das plantas se põe a quebrar,
até que desperte a lua do desmaio
e assim não despenque por sobre o
sertão.

Nas sombras da noite está o BOITATÁ,
feioso cavalo, acéfalo, negro,
a roda de fogo chispando na testa.

O mau ANHANGÁ
- um homem peludo -
vai nele montado,
no mato tocando a escura manada
de seus caítus.

Com silvos agudos, num só pé pulando,
fumaça soltando no pito de barro,
o pêlo dos bichos veloz o SACI
vai sempre enrançar.

Com olhos de brasa, desgraças levando,
àquele que o vê, o maldoso CAIPORA
cavalga ruidoso seu porco do mato
e IARA - a mãe d'água - com cantos
falazes
arrasta os incautos ao fundo dos rios.

Que pena que as matas aos poucos se
acabem
e os entes, que nelas habitam, se vão!...
Que pena o caboclo, sem versos, sem
cantos,
curtindo tristezas sem sons da viola,
em mais ter vizinhos no bruto sertão!

Antonio Jurandyr. Amadi, é paulista da cidade de Parnaíba, abrigo de muitas lendas. Jurandyr formou-se em engenharia e foi engenheiro ferroviário, tendo percorrido todos os quilômetros da Rede Mineira de Viação - assim como nosso companheiro do Rio de Janeiro, Affonso Furtado, mais conhecido como Afonso dos Reis. Jurandyr é poeta de primeira linha e, escreve para declamar. Seus poemas tem que ser declamados. Voz alta, entonação própria. Tem publicado em periódicos da Academia Brasileira de Escritores Médicos, onde é admiradíssimo. É também tradutor de grego clássico, latim e outros idiomas. Coisas de engenheiro especializado. O poema foi enviado para publicação especialmente nesta edição do Boletim Carranca, por intermédio de Antônio Carlos Correia, residente em São Paulo e nosso conhecido, desde a edição Carranca - 1-12. Em sua homenagem registra-se na página Artigos texto do *Curso de Folclore* ministrado por João Bueno Gonçalves (Mons) no ano de 1960, do qual José Moreira de Souza participou como aluno, no curso de Filosofia.



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE - CMFL - 03-2013 -

Junho- Agosto 2013

Editorial

A presente edição de nosso Boletim *Carranca* é dedicada a apresentar e comentar a programação da 47ª Semana Mineira de Folclore. Neste ano, a Comissão Mineira de Folclore celebra, desde o dia 19 de fevereiro, 65 anos de sua fundação e se prepara para, daqui a 35 anos, celebrar, jubilosamente, o Centenário.

Este feito merece alguns comentários para abrir uma conversa permanente com nossos leitores.

1. A primeira reunião na qual se elaborou a ata de fundação aconteceu no Conservatório Mineiro de Música, atual Escola de Música da UFMG. Essa acolhida jamais poderá sair de nossa memória. Louvar a atenção do nosso saber viver em Minas com música. Ali estavam presentes o diretor da escola, professor Levindo Lambert, ao seu lado, Heli Menegale, Ursulina Pitaguary, Flausino do Valle, Angélica de Resende Garcia. A fina flor dos estudiosos de nossa musicalidade, atenta para valorizar nos meios acadêmicos nosso saber estético de melodias, harmonias e ritmos. Música é linguagem; talvez, anterior à fala articulada, talvez, condição primordial para outros recursos expressivos. A Comissão Mineira de Folclore foi acolhida no lugar certo.

2. Há etnomusicólogos que buscam encontrar radicalidades para fundar este objeto de estudo. A música como invenção de grupos étnicos no interior de alguma racionalidade insistente à busca de códigos de expressão. Há que atentar para suas razões, porém, para o estudo do saber popular, isto não tem importância. Nessa óptica, o mesmo pode ser afirmado a respeito da dança, dos ritmos do movimento do corpo. Só importa o que é codificado, ordenado, prescrito, ensinado. O conceito latino de *habitus* – leia-se *hábitus* – não é propriedade de Bourdieu. É um termo latino de uso popular que chamou a atenção dos filósofos medievais sobre a baixa intencionalidade ou quase naturalidade dos atos repetidos sem apelo à consciência, ou seja, aos atos refletidos. Antes de designar existe a expressão. A atenção para os atos repetidos sem apelo à reflexão torna-se categoria de fundamental importância para quem estuda o saber popular. É de Flausino do Valle esta afirmação desafiadora para os estudos acadêmicos do saber popular: “A escola, a música brasileira, no sentido técnico da expressão, por enquanto ainda não existe.” Que será que isto signifi-

ca? Flausino completa: para ir ao encontro dessa “música brasileira” há que deixar as cidades centrais, marcadamente cosmopolitas e partir para as periféricas – o sertão -, porque “é do centro para a periferia que se dá a gestação dos caracteres distintivos do povo”.

3. O segundo espaço de acolhida se deu na, então, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – hoje, FAFICH-UFMG, no central Edifício Acaiaca, localizado em frente à “Catedral do Povo”, Igreja de São José. Há algo emblemático: primeiro expressar, em seguida, codificar. Aires da Mata Machado Filho, o principal coordenador do movimento, foi reconhecido como filólogo. Entretanto, sua maior contribuição para o estudo do saber popular se direciona para o expressar em sons e ritmos – os vissungos de São João da Chapada, distrito do município de Diamantina. Não é tudo, os estudiosos das letras, da história e das ciências sociais, debruçam-se sobre forma de interpretação do saber viver em Minas Gerais. Nelson de Senna edita o “Terra Mineira”, João Dornas Filho, “O Ouro das Gerais e a Civilização da Capitania”, João Camilo de Oliveira Torres, “O homem e a montanha”, Henriqueta Lisboa, “Literatura Oral para a Infância e a Juventude”. Está dada a temática. Não importa a especialidade pela qual a pessoa se reconhece na academia. Elas se reconhecerão pela atenção ao saber viver em Minas Gerais.

4. A Comissão Mineira de Folclore agradece a acolhida no espaço da Universidade que a viu nascer e traz para conversa as contribuições dos estudiosos que permaneceram fiéis aos princípios de compreender o saber viver em Minas Gerais. Ao longo de 65 anos, muita coisa mudou. Vivam as mudanças! As unidades universitárias se multiplicaram. Possivelmente, o diálogo se tornou mais difícil.

Editorial

Talvez se aplique aos momentos recentes a afirmação de Bruno Latour em *Ciência em ação* “essa Babel de disciplinas não teria tanta importância se para ela não contribuísse outra divisão: a dos objetos que cada um estuda”. Ou esta frase contundente de Karl Popper, defensor da diversidade por excelência: “Não há assuntos; não há ramos do saber – ou, melhor da pesquisa: há somente problemas, e o impulso para os resolver. (...). Os administradores das universidades têm, de resto, um trabalho difícil, e é de grande conveniência para eles trabalhar supondo que há alguns assuntos determinados, com cátedras associadas a eles, e a serem ocupadas por peritos nesses assuntos. Não estou de acordo: até alunos competentes são enganados por este mito do assunto”. Aí surge a nota tonal de nossa conversa: Folclore é um assunto? Folclore merece um departamento numa universidade? Deve ser uma linha de pesquisa vinculada às burocracias para sobrecarregar o “trabalho difícil” dos administradores? Em dado momento, dos anos cinquenta, este tema veio à baila expresso na questão da “cientificidade do folclore”. Mas, para nossa admiração há que estudar o perfil profissional dos que participam desse grupo: alguns respondem pelo registro de médicos, outros, de engenheiros, outros de pedagogos, de professores de letras, de sociólogos, de historiadores de professores de música, de críticos de arte, de antropólogos, de teólogos. Apressadamente especialistas em diretrizes curriculares afirmarão: “é um tema transversal.” Há que continuar com a pergunta: o que têm em comum com estas especialidades?

É a partir daí que se inicia nossa conversa. Merece repetir, como resposta à questão: a única coisa que nós sabemos é conversar, nada mais do que conversar. Se isto tiver qualquer valor, insistimos em afirmar nossa Condição Humana. Aqui coloco na roda de conversa a vida tal como registrada

por Hannah Arendt, especialmente a partir da conversa sobre *Homens em tempos sombrios* e o esforço de compreensão em *O sistema totalitário*. Viva essa mulher valente!

Escolhemos como motivo para anunciar nossa conversa nesta universidade – a nossa UFMG – o Monumento ao Aleijadinho, criação do professor Sílvio Vasconcelos da Escola de Arquitetura da UFMG, para adornar a praça central do Campus da Cidade Universitária. Nele se vêem dois dedos apontados para o alto: o do profeta Addias e o do profeta Habacuc. O primeiro é mais insistente; o segundo, mais tímido. Este monumento, na nossa compreensão, sintetiza o compromisso de nossa universidade com o saber viver em Minas Gerais. Estamos aqui, mas existem outras realidades que nos convocam ao diálogo, venham de onde vierem. Imaginamos outro monumento também profético: Daniel. A imagem deste profeta é insinuada na obra de Sílvio de Vasconcelos e é uma das que adornam a Escola de Arquitetura da UFMG. Adornou a sala de ingresso a um espaço emblemático, o do PLAMBEL, Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte, e é das mais preferidas para lembrar o momento de afirmação da identidade crioula de Minas Gerais. Nossa interpretação: disputas ideológicas condenaram o grande profeta exilado e cativo no Império Persa à cova dos Leões; porém, os leões não o estranharam. Traduzido: queremos conversar, apenas conversar, sem ameaça ao saber de quem quer que seja. Esta mensagem é apresentada na capa da *Revista Comissão Mineira de Folclore* Número 25 na qual estão registradas as biografias da maioria dos membros fundadores e dos que nos deixaram.

José Moreira de Souza



47ª Semana Mineira de Folclore

47ª Semana Mineira de Folclore

19/08/2013 – Assembleia Geral da Comissão Mineira de Folclore – Posse de novos membros

Local - Fundação Municipal de Cultura – Avenida Assis Chateaubriand – esquina com Rua Sapucaí.

Comentário: Segundo o Regimento da Comissão Mineira de Folclore, existem duas datas fixas para reunião da Assembleia Geral do membros. A do dia 19 de fevereiro para celebrar a sua fundação no ano de 1948 e a de agosto no interior da Semana Mineira de Folclore, instituída por lei no ano de 1965.

A Comissão Mineira de Folclore realiza Semanas de Folclore desde o ano de 1964. Pequenas interrupções explicam que a atual seja a de número 47 na série. Contudo, houve anos em que aconteceram mais de uma Semana de Folclore não contabilizadas. Em 2014, portanto, completaremos cinquenta anos de realização quase ininterrupta dessa programação.

As semanas de folclore foram marcadas por dois tipos de atividades. A primeira como oportunidade de encontro dos membros dispersos em todas as regiões do estado para firmar diretrizes de atividades. A segunda para ocupar espaços públicos nos quais grupos vinculados à tradição de viver em Minas Gerais exibissem seu saber celebrar a vida. Desde que foi criada a Missa Conga, esse ritual se tornou rito central de celebração do mito.

A assembleia do mês de agosto é também oportunidade para acolhida de novos membros. No dia 19, tomarão posse como membros efetivos por aprovação da Assembleia Geral reunida no dia 25 de maio

Carlos Farias – psicólogo, musicista, fundador do Coral das lavadeiras de Almenara - MG.

Myriam Stella Blonski – mestre em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG, pós-graduada em Folclore e Cultura Popular – curso de especialização ministrado pela Comissão Mineira de Folclore.

Oswaldo Giovanini Júnior – antropólogo, doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG:

20/08/2013 - Roda de conversa – A Universidade, os estudos de Folclore e a Modernidade Mineira: As determinações do saber.

Foco: apresentação da Tese de Doutorado de Oswaldo Giovanni Júnior. *Sortilégio do Registro: Aires da Mata Machado Filho, os vissungos e os negros do garimpo em Minas Gerais.*

Apresentação e autógrafa da obra de Antônio de Paiva Moura: *Diamantina Passado e Presente.*

A conversa na UFMG se inicia com um grande convidado. O professor doutor Oswaldo Giovanini Júnior. Um moço residente na cidade de Leopoldina da qual são vizinhas Itamarati de Minas e Cataguases.

Oswaldo foi ter ao Rio de Janeiro para fazer o doutorado, cuja tese foi defendida em dezembro de 2012. Escolheu como objeto os estudos de Aires da Mata Machado sobre o Negro e o Garimpo. Nessa trajetória, depara-se com o fundador da Comissão Mineira de Folclore, os estudos de folclore, as relações entre folclore e a academia universitária. Devido ao engajamento do autor na pesquisa sobre as práticas crioulas, Oswaldo se depara com o pioneirismo de Aires da Mata Machado Filho e “cava os abismos das eternas ânsias”. Há que lembrar Cruz e Souza, o negro da transcendência. Práticas crioulas. Este termo não é empregado pelo autor; contudo, ele convive com o incômodo da “sobrevivência” como categoria analítica insuficiente para explicar permanências, durações, “resistências”. No princípio houve uma África, no princípio houve a travessia da calunga grande, houve a escravidão, a mineração. No meio, os cânticos do trabalho, um ponto de não retorno. Crioulo como síntese. Crioulização é um conceito forte para a compreensão de nosso processo histórico de Zumbi a Chico Rei, de Tiradentes a Antônio Francisco Lisboa. Crioulização do africano em suas centenas de grupos étnicos, dos fidalgos e dos pés rapados e dos imigrantes iludidos na Europa pelo sonho do enriquecimento. Não se trata de refundar uma África, nem uma nova Europa, trata-se de criar condições dignas de viver aqui, ou de

47ª Semana Mineira de Folclore

explorar os que vivem aqui ensejando centralidades nas decisões favoráveis à exploração.

Oswaldo se encanta com Aires e se depara com a Comissão Mineira de Folclore. Dá-nos lições. Dá também lição à academia.

- “E você está registrando tudo isso?”

- Não, estou pensando sobre como as pessoas registram tudo isto.”

Esta informação oferecida logo no primeiro parágrafo da tese é uma das chaves para compreender a trajetória do autor e o título “Sortilégios do Registro”. Ao cavar fundo, Oswaldo encontra o signo que lhe facilita compreender a trajetória de Aires “o sortilégio” do garimpo, da poesia, de Minas, de Diamantina, do Brasil. Contingências.

A conversa com Oswaldo será proveitosa por inúmeras razões. Há prescrições metodológicas que inventam especialidades na academia. Aires gostava e praticava música, mas nunca foi identificado como músico ou musicólogo. Curtia história – Arraial do Tijuco, cidade Diamantina – mas não foi identificado como historiador, foi jornalista, editor, editorialista; enfim, qual a identidade acadêmica de Aires da Mata Machado Filho? Um homem que resiste às especialidades. Filólogo consola os que o querem em um local fixo na universidade. Foi nesse lugar que foi reconhecido; mas como compreender que os estudantes insistissem para ministrar um curso de Folclore na Universidade?

Oswaldo permite concluir que o “folclorista” não é especialidade. Não pode ser. Não há cânticos de trabalho sem trabalho. No caso, o trabalho no garimpo, dessas pessoas azeitadas ao garimpo que nele briquitam todos os dias, olhos atentos para o chão, o brilho do chão, o chão redentor. Viver e registrar são polos dos desafios de interpretar e transmitir.

A conversa vai valer a pena para antropólogos, sociólogos, psicólogos, filósofos, teólogos, geógrafos, filólogos, linguistas, pedagogos, musicólogos, coreógrafos, enfim todos os que se enclausuram numa identidade especializada. Vale por mais um autor na roda. Wagner Gonçalves da Silva, um homem do “povo” que chega à academia. Ele escutou e registrou em *o Antropólogo e sua magia* esta fala de uma mãe de santo:

*E por que os sacerdotes aceitam a pesquisa?
Acho que ninguém sabe, mas hoje é chique para
uma casa de orixá ter um “ólogo” de plantão.
Chiquíssimo! “Este é meu antropólogo”. “Ah é,*

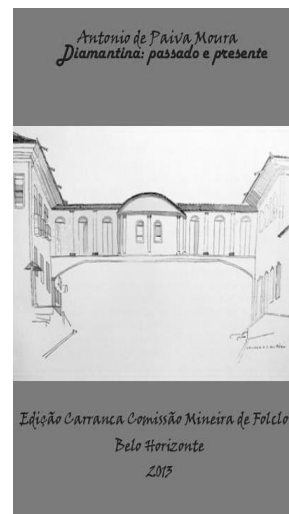
eu tenho um musicólogo”, “Eu tenho um etnólogo”; “Eu tenho um sociólogo”. Chiquíssimo. Quanto mais chique o pai de santo, de mais “ólogos” ele se rodeia.

É essas coisas que Oswaldo põe na roda de conversa. Compreende o Aires “folclorista”, filho de dono de lavra que se encanta pelos trabalhadores das lavras com sua cantigas enquanto ele mesmo vive prazerosamente de modinhas e serestas e leva como hino nacional dos Congressos Brasileiros de Folclore o Tim, titim, titim o lálá! Para não criar confusão ao leitor, a partir de agora Oswaldo é membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore.

Livro de Antônio de Paiva Moura

Diamantina Passado e Presente.

Para por mais lenha na fogueira, a roda de conversa se amplia com a apresentação, com direito a autógrafo, da obra mais recente de Antônio de Paiva Moura, plenamente apropriada para o momento.



Diamantina Passado e Presente. Nessa obra, o autor faz dois percursos. Primeiro, a Diamantina dos contratadores vistos pelos historiadores e poetas. Centra-se em Felisberto Caldeira Brant. Bem sucedido e infeliz agente da dominação metropolitana e crioulizador da elite diamantinense como se depara na obra de

Oswaldo. Em seguida registros históricos de um diamantinense ímpar, o médico, jornalista, romancista e coisas mais, Aristides Rabelo. No ensaio do Moura, Aristides é apresentado reportando o Congresso das Municipalidades Mineiras promovido pelo governador João Pinheiro da Silva – um bom nome para ser decifrado: Pinheiro de Pignataro e Silva de qualquer um. Aristides vê pouco diamante, haja grupiara, gorgulho, cascalho em sua Diamantina. Sua atenção é para o hóspede encantado com sua cidade. Como o recebe e como se integrará finalmente ao clima humano da cidade.

Vale lembrar que Antônio de Paiva Moura cedeu os direitos autorais para a Comissão Mineira de Folclore e arcou com os custos de impressão, sem computar o tempo gasto para elaboração.

47ª Semana Mineira de Folclore

21/08/2013 - Roda de conversa – A Universidade, os estudos de Folclore e a Modernidade Mineira: a contribuição dos membros da Comissão Mineira de Folclore. Espera-se que cada um dos presentes possa relatar e conversar sobre sua experiência no estudo do folclore.

Lançamentos da *Revista Comissão Mineira de Folclore* nº 25 e do Jornal CARRANCA edição 3-13.



Será uma tarde na qual os estudiosos da Universidade poderão conversar sobre as atividades dos membros da Comissão Mineira de Folclore.

Oswaldo, em sua tese, lembra algumas lamentações de Aires quanto à falta de recursos para desenvolver pesquisas.

Com toda honra, Aires é comentado quanto à pesquisa sobre congado. Pode-se dizer que a Comissão Mineira de Folclore, como entidade nunca fez pesquisa. Nunca obteve recursos para tal. Contudo, neste ano, na oportunidade de celebrar 65 anos de fundação foram expostas 58 obras dos membros selecionadas num total de 350. Há dezenas de membros que publicaram mais de uma dezena, sem contar artigos em revistas e jornais. Nessa mesma oportunidade foi apresentado um relatório de pesquisa *Conversas Folclore e Educação* realizada sem qualquer financiamento. Posta numa planilha seriam necessários R\$120.000,00.

Esta é uma marca dos membros da Comissão: de cada um conforme suas possibilidades. Oswaldo lembra também que Aires chegou a criar uma editora própria, a Siderosiana, para favorecer a publicação de obras de amigos em dificuldade. A obra *Dias e Noites em Diamantina* veio a público como edição do autor, o que quer dizer que não se procurou nenhuma editora do ramo.

Essa mania – tradição? – dos membros é mais do que comum. Washington Albino que foi também diretor da Faculdade de Direito da UFMG publicou com selo próprio o *Ensaio sobre o ciclo do ouro* até descobrir financiamento de uma empresa para a edição ampliada de *Minas do Ouro e do Barroco*.

Na revista, os leitores poderão conhecer melhor a trajetória dos membros fundadores e de outros já falecidos, além de artigos que refletem o interesse dos respectivos autores. Mais uma vez, a edição da Revista é realizada sem qualquer financiamento externo, a impressão foi paga por alguns

membros com objetivo de angariar fundos para manutenção mínima das atividades.

22/08/2013 - Roda de conversa – A Universidade, os estudos de Folclore e a Modernidade Mineira

Abrindo uma linha de pesquisa: Religiosidade Popular no *Dicionário da Religiosidade Popular* de Franciscus Henricus van der Poel - Frei Chico ou Frei Francisco van der Poel.

Lançamento do *Dicionário da Religiosidade Popular*

A 47ª semana Mineira de Folclore se encerra com uma conversa com Frei Chico e convidados. Trata-se de uma obra da maior importância que se tornará de consulta necessária em todas as bibliotecas públicas e universitárias.

Resultado de 40 anos de registro do saber popular em Minas Gerais e no Brasil, com referências bibliográficas de orientação e aprofundamento para cada verbete registrado.

Vale a pena antecipar alguns pontos que merecem mais conversa. A ideia do dicionário surge no fim. No começo, havia o interesse em conhecer, registrar o saber popular vivido. Frei Chico queria conhecer o povo. Com pouco tempo, com ajuda de Lira Marques, chegou a 16 mil fichas de registro do saber popular. Certa vez, tinha registro de 40 batuques. Estudiosos entusiasmados julgaram um tesouro. O estudioso prosseguiu e chegou a 350. “Já imaginou se eu pensasse que tinha tudo? A cultura popular é inesgotável” – ele afirma.

Há outro aspecto interessante. Os registros em fichas não tinham objetivo de chegar a publicação; eram orientação para o autor. Em dado momento, para cada registro esse mineiro holandês passou a vincular registros a fontes bibliográficas e a organizar verbetes. Há pouco mais de dez anos – 1999 – o autor passou a exibir para os alunos do curso de pós-graduação “lato sensu” em Folclore e Cultura Popular o “Abcedário da Religiosidade Popular” – 7500 verbetes e 5.500 notas de rodapé -. Era o título que dava à obra ainda em andamento. Manteve esse nome até que uma editora de grande porte do Sistema Posigraf se interessou pela edição. Aconselhado, mudou o nome para *Dicionário da Religiosidade Popular*. “as pessoas não vão valorizar esta obra com o nome de Abcedário”.

Vale destacar. O Dicionário começa no fim. O autor não se ocupou apenas dos verbetes. Há centenas de

47ª Semana Mineira de Folclore

ilustrações, fotos e gravuras das quais 269 são criação do autor. A incansável Maria Lira Marques Borges, mestra artista popular de Araçuaí, incumbiu-se do desenho das capitulares, ou seja a página que anuncia as letras que compõem as iniciais dos verbetes.

É também uma delícia ler os comentários de leitores que precedem o dicionário. Frei Chico alerta “Começo do princípio do início de alguma coisa...” É mais do que uma certeza pessoal é mensagem de vida. Assim é nossa vida, por mais que acreditemos ter realizado alguma coisa...

O Dicionário não é, isto é importante frisar, **não é** uma obra religiosa doutrinária confessional. Não há juízos de valor.



Todas as crenças são registradas para informar sua existência histórica, localizada segundo informações obtidas pelos que as praticam. É registro de temas vividos pelas pessoas comuns, pobres ou ricos. Para estudos acadêmicos torna-se imprescindível. Para chegar ao ponto do “começo do princípio do início” Frei Chico procurou consultores tanto para revisão técnica dos verbetes

onde estivessem disponíveis, Canadá, México, e também instituições universitárias brasileiras como USP, UNESP, Cândido Mendes, Unicamp. Revisão para tudo, até mesmo para idiomas de seu domínio como latim, francês e espanhol e vernáculo, nosso português

Tome-se uma palavra ao acaso: **Batismo**. Tem-se 14 verbetes com qualificação específica. Batismo do Boi, Batismo na Fogueira de São João, Batismo dos Mouros, são alguns exemplos e há surpresas, por exemplo o capeta batizado. **Festa** - são 46 qualificações merecendo algo com dez páginas.

Os verbetes **Santos, santas** são preciosos tanto pelos desdobramentos explicativos, quanto pelas referências às inúmeras lendas que os fixaram no imaginário popular das mais diferentes crenças.

Local Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG – Fafich.

Horário: de 16:00 às 20 horas

Outras Atividades da Comissão

Mineira de Folclore no mês de agosto

6 de agosto - Encontros Danças e histórias tradicionais – Lúcia Tânia Augusto

Local: Centro de Ecologia Integral, Barro Preto.

6 de agosto – Reunião do membros da Comissão Mineira de Folclore

Local: Sede da AFAGO – Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia – Avenida Amazonas nº 115 –sala 1709 Centro - Belo Horizonte.

➤ **Palestra de Antonio de Paiva Moura, em Nova Lima**, a convite da Prefeitura Municipal, na Semana de Folclore, final do mês de agosto

➤ **No dia 26** – De 15:00 às 17:00 horas – **Resíduos culturais do luxo.**

Nessa palestra será feito um esforço no sentido de conceituar o luxo e acumulação de riquezas. Para reforçar esse conceito ser tomado com paradigma o reinado de D. João V de Portugal, associando luxo e luxúria. Além disso busca explicitar a função social do luxo em três estratos sociais e seus respectivos níveis culturais: elite erudita, popular de massas e popular tradicional. A palestra será ilustrada com a projeção de 36 slides.

➤ **No dia 27 – Manifestações folclóricas no município de Nova Lima**, tem o propósito de evidenciar os fatos folclóricos não estereotipados. Tratar os fenômenos visíveis no cotidiano, mas tidos como insignificantes., Os fatos a serem analisados estão presentes na farmacopéia empírica, arte popular, construções artesanais, indústria caseira e religiosidade popular.

Data em aberto agosto – Comissão Mirim de Folclore da Escola Estadual “Aarão Reis” – Belo Horizonte

Parceria com a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte

23/08/2013 - 14 Horas Centro Cultural São Francisco – O saber viver local e seus constrangimento

26/08/2013 - 19 Horas Centro Cultural Padre Eustáquio - Folclore nos dias atuais -

29/08 - 15 horas Centro Cultural Vila Fátima - : Encontro com a cultura popular

28/08/2013 - 15 Horas Centro Cultural São Gabriel - Folclore nos dias atuais -

30/08/2013 - 19 Horas Centro Cultural Alto Vera Cruz - Folclore Lúdico -

Notícias & Comentários

Aconteceu

Dicionário da Religiosidade Popular faz sua peregrinação pelo Brasil

O primeiro lançamento do *Dicionário da Religiosidade Popular* foi na cidade de Diamantina, no dia 6 de junho na Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, para recordar o compromisso de Frei Chico com o Vale do Jequitinhonha.

Em 16 de julho, foi a vez de São José dos Campos SP, Biblioteca Pública “Cassiano Ricardo”, no projeto “Dialogando com Folclore”

19 de julho, em Belo Horizonte MG: durante o Congresso Mundial de Universidades Católicas, na PUC/MG (Coração Eucarístico), às 14.30-15.00hs, no espaço das livrarias.

21 de julho, novamente em Diamantina MG: por ocasião do 45º Festival de Inverno

21 de agosto: em Brasília DF; na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apenas para os bispos

10 a 14 de julho – 2º Encontro dos povos do Espinhaço – Lapinha da Serra – Santana do Riacho www.redeespinhaco.com.br



A Comissão Mineira de Folclore se fez presente em Lapinha da Serra no Encontro dos povos do Espinhaço. A programação foi um evento típico dos congressos e das

semanas de folclore, com a diferença que tudo aconteceu num espaço de turismo de lugarejo, onde os visitantes pareciam mais donos do que visitantes. Os mestres ocuparam seu espaço e dialogaram sem censura com os sábios das academias.

A Comissão se fez presente nas pessoas de Kátia Cupertino, Waldemiro Gomes e José Moreira de Souza

20 de julho – recepção do senhor prefeito municipal de Belo Horizonte aos jovens em peregrinação à Jornada Mundial da Juventude.

A Comissão Mineira de Folclore esteve presente e assistiu discursos de saudação aos jovens em diferentes idiomas. Cada um falava no idioma do outro. O prefeito discursou

em inglês, um bispo Libanês, em Francês, e outro do Haiti em espanhol. Nessa oportunidade, em nome da Comissão Mineira de Folclore, foi oferecido ao senhor prefeito a obra *A sombra do andariho*. Márcio Lacerda convocou, no momento, o senhor Presidente da Fundação Municipal de Cultura e recomendou atendimento às demandas da Comissão Mineira de Folclore, especialmente um espaço de acolhida para guarda de seu acervo.

Jequitibá – 26 de julho – Homenagem a Manuel Luiz Ferreira de Miranda

Nosso benemérito Manuel Luiz Ferreira de Miranda foi homenageado na conhecida “Capital Mineira de Folclore”, a cidade de Jequitibá de Geraldo Inocêncio. O professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves comentou:

“Vinte e seis p.p., fomos a Jequitibá, no Caminho dos Currais do Rio das Velhas. Estrada Real do Sertão, para aplaudir a realização de dois eventos: cinquentenário de fundação da Cooperativa Regional Agropecuária de Jequitibá – CRAJ e reinauguração do edifício sede da cooperativa, agora, trazendo o nome de Doutor Manoel Luiz F. de Miranda; ilustre Camilinhense, ali, conhecido como Doutor Manoel Miranda. Manoel Luiz, em companhia de Zélia, teve a gentileza de nos levar: professor José Moreira e este comentarista, ao seu sítio – Nossa Casa –, município de Matozinhos.



Notícias & Comentários

Em Jequitibá, à noite, iniciou-se a celebração dos eventos programados, em solenidade coordenada pela primeira dama senhora Auromar Jare, atuando como mestre de cerimônia, compôs a mesa: Presidente da CRAJ Doutor Auromar Jare Amador dos Santos, Vice Presidente da CCPR-Itambé doutor Carlos Amorin representando o Presidente do Conselho de Administração, Doutor Jaques Gontijo, e, naturalmente, o homenageado Doutor Manoel Miranda.”

Em discurso o homenageado saudou a presença da Comissão Mineira de Folclore, na pessoa de seu humilde presidente. Isto foi suficiente para que o senhor prefeito municipal, Humberto Fernando Campelo Reis, manifestasse a importância do apoio da Comissão Mineira de Folclore à programação cultural prevista para o próximo mês de setembro. O senhor prefeito, ao entregar seu cartão, destacou que a logomarca da prefeitura frisa o seu compromisso com o folclore tanto no desenho quanto na mensagem síntese: “Nossa gente é nossa riqueza”.

3ª Conferência municipal de Cultura de Belo Horizonte – 5 e 6 de julho – Instituto de Educação

Realizou-se a Conferência Municipal de Cultural com participação da Comissão Mineira de Folclore. Na oportunidade, lembrou-se a importância da mensagem principal de nossa Comissão na área de educação como proposta de promoção humana, acima de apoio a eventos chamados “culturais”.

A Comissão pelas suas características não pleiteou ser delegada do município na Conferência Estadual que acontecerá em setembro e espera que haja bom senso nessa esfera para entender que entidades de nível supramunicipais possam se inscrever para apresentar suas demandas.

Vai acontecer

- **22 de agosto, em Belo Horizonte MG; lançamento organizado pela Comissão Mineira de Folclore (CMFL) juntamente com a UFMG, o SESC/MG, Secretaria Municipal de Cultura AFAGO, CPCD. Horário: 16:00 às 20:00 horas. Confirmar presença pelo endereço oficinafolclore@superig.com.br**

24 e 25 de agosto Conferência Extraordinária de Cultura, na Escola Municipal Marconi, localizada à Avenida do Contorno, 8476 – Bairro Gutierrez.

14 e 15 de setembro -

Comissão Mineira e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Itabira para a realização da 4º Jornada Mineira de Patrimônio Cultural

Novos percursos para lançamento do Dicionário da Religiosidade Popular

- **7-8 de setembro**, em Arinos MG, no distrito Sagarana, vale do Urucuia:
- **14 de setembro**, em Itabira (MG): durante a 4ª Jornada Mineira de Patrimônio Cultural (colaboração da CMFL).
- **19 de setembro**, em Araçuaí MG: na programação do aniversário da cidade.
- **21 de setembro**, em Belo Horizonte MG, Biblioteca Pública (Praça da Liberdade) – data sujeita a confirmação.
- **Em outubro**, em Belo Horizonte MG: na Faculdade Jesuíta (Faje) lançamento em data a confirmar
- **Rio de Janeiro RJ**, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Catete):
- **Florianópolis SC**: em outubro durante o Congresso Brasileiro de Folclore
- **Curitiba PN**: cidade da editora Nossa Cultura; e da Posigraf, onde a obra foi impressa. – local e data a confirmar
- **São Paulo SP**: O lançamento em São Paulo deverá acontecer no Espaço das Rosas, avenida Paulista. Antônio Carlos Correia que esteve presente nas atividades da 46ª Semana Mineira de Folclore se entusiasmou pelo projeto e se dispôs a coordená-lo na metrópole paulistana.

Notícias & Comentários

Primavera de Museus 23 a 29 setembro

A Comissão Mineira de Folclore participará das atividades programadas pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, as quais acontecerão nos museus da cidade. Nessa oportunidade cuidará de enfatizar o saber viver na cidade e a apropriação dos espaços públicos. Em reuniões



preparatórias, sugeriu homenagem ao mestre Waldomiro Gomes de Almeida, o qual celebrará 80 anos no dia 27 de setembro. Waldomiro é um dos fundadores da Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais e proferiu uma frase emblemática para reflexão profunda dos

formuladores de políticas culturais:

O Congado vai muito bem, mas o Reinado de Nossa Senhora do Rosário vai mal. Congado não é escola de samba. Não pode ser assim.

Tradução. Os formuladores de políticas culturais retiram do saber popular apenas o que é útil, instrumentalizando-o em favor de objetivos externos a esse saber.

III Conferência Estadual de Cultura

25, 26 e 27 de Setembro de 2013

Local: Assembleia Legislativa de Minas Gerais

Rua Rodrigues Caldas, 30 – Santo Agostinho

Belo Horizonte/MG

Vozes de Mestres – 11 a 17 de novembro

Fixando a etnicidade e as questões étnicas.

III Conferência Nacional de Cultura

Brasília, de 26 a 29 de novembro de 2013

➤ Algumas recomendações de Ulisses Passarelli, membro efetivo da CMFL, residente em São João Del Rei:

“convido-os a acompanharem meus trabalhos de folclore pelos meus dois blogs cujos links se seguem:

TRADIÇÕES POPULARES DAS VERTENTES

MATOSINHOS: história & festas

<http://diretodesaojoadelrei.blogspot.com.br/2013/08/festa-da-boa-morte-em-sao-joao-del-rei.html>

<http://folclovertentes.blogspot.com.br/2013/07/o-que-e-o-que-e-adivinhe-se-puder.html>

<http://folclovertentes.blogspot.com.br/2013/07/calango-tango-parte-1.html>

<http://diretodesaojoadelrei.blogspot.com.br/2013/07/com-ajuda-de-sacis-alexina-pinto-rasgou.html>”

➤ Caros amigos folcloristas: um dos mais importantes blogs sobre São João del-Rei / MG, postou a pouco uma matéria enlevando a figura notória de Alexina Pinto, baluarte da folclorística nacional, pioneira entre as mulheres. Não deixem de ler no link abaixo:

Favor divulgarem para outros folcloristas. O nome desta mulher não pode ser esquecido.

Com um abraço fraterno, Ulisses. “

➤ **Comentário de Antônio de Paiva Moura**

No começo deste ano procurei foto de Alexina Magalhães Pinto e não encontrei. Era para ilustrar um texto sobre mulheres mineiras, no qual se incluía a Alexina. Então mandei o texto para meu amigo Paulo Roberto Lisboa, em Leopoldina. Ele é professor



de desenho na Escola Guignard e mora em Leopoldina e me mandou pelo correio alegoria de Alexina, com base na sua biografia. Segue uma cópia para você. Cordialmente Antonio Moura

Notícias & Comentários

Acompanhando as publicações do CPCD

- CPCD – Cuidando do Futuro
- Nos trilhos do desenvolvimento
- Informativo Vargem Grande Comunidade Saudável
- Informativo Circulando Arassussa - Ano 6 - nº 118
- Informativo Circulando Informação - Ano 7 - nº 118
- Informativo Cuidando do Futuro - Ano 1 - nº 5
- Informativo Raposos Sustentável

www.cpcd.org.br

Festas juninas

Os estudiosos de Folclore tiveram oportunidade de presenciar e participar de uma eclosão de fogueiras ao longo do mês de junho, estendo-se por julho afora. Ficou patente, para quem mora em Belo Horizonte, que os festejos juninos são mais populares do que o carnaval e mais independentes de políticas públicas.

Um fato novo e totalmente desconhecido passou a figurar no calendário; as fogueiras improvisadas nas estradas e a ocupação dos espaços centrais das cidades em todo o Brasil. Reputa-se às redes sociais a responsabilidade por esses movimentos inesperados. Porém, essas redes apenas favoreceram contatos e convocações. O caldo já vinha sendo dado pelos grandes meios de comunicação. Basta uma análise simples de conteúdo para mostrar a pauta das insatisfações. Estudos acadêmicos delineavam, há mais de uma década, o quadro da “judicialização da política e das relações sociais”. Órgãos da grande mídia gritavam indignados por vingança em lugar de justiça. A blindagem burocrática do poder público e privado distanciava cada vez mais o cidadão das decisões técnicas. Tudo isto e muito mais acendeu as fogueiras no mês de junho. A isto se alia a propaganda do medo pela indústria da segurança. Os enclaves fundam uma segregação às avessas. Blindagem de acesso ao poder e blindagem de acesso à convivência.

Aqui se exhibe apenas um exemplo de comentário apresentado no facebook no dia 3 de maio.

Educação popular, Justiça e Vingança.

O programa “Bom Dia Minas” da Rede Globo Minas exibiu, hoje, 3 de maio, uma entrevista com a Juíza da Infância e Adolescência, doutora Valéria Silva Rodrigues e um médico psiquiatra cujo nome não registrei. Tema: Ampliação da Maioridade Penal. Assunto de alta relevância, tendo em vista

a empolgação com que a mídia em geral vem abordando este assunto.

Da parte da Comissão Mineira de Folclore, considero importantíssimo o tratamento desse assunto, tendo em vista ser um dos temas abordados em nosso relatório: “Conversas Folclore e Educação”. No referido Relatório, chamamos a atenção para o trabalho que vem sendo realizado junto ao judiciário em Minas, desde a vigência do Estatuto da Criança e do Adolescente, tendo em vista assessorar os juízes na atenção devida ao desenvolvimento do sujeito. A esse programa de assessoria jurídica deu-se o nome de Psicologia Jurídica.

Pelo conteúdo da entrevista, foi possível interpretar que a doutora Valéria desenvolveu uma escuta atenta ao trabalho dos assessores. Destacou que a pena deve ser obediente a um “processo pedagógico” e que a diminuição da menoridade atende aos apelos de candidatos em preparo para campanhas políticas sem atenção para informações e apenas como resposta a uma mídia empenhada em promover o judiciário como instância de vingança dos crimes.

Coube ao psiquiatra defender a redução da menoridade, algo que o fez bastante constrangido. O argumento de que o adolescente já tem condição de se responsabilizar pelos próprios atos, ao se tornar abstrato, desconheceu componentes básicos de nosso saber popular. Há povos nos quais a criança não conhece adolescência. Essa passagem para a vida adulta é resolvida diferentemente pelas diversas sociedades. No interior da nossa Brasileira, Urbana do século XXI, há segmentos, nos quais a criança se obriga a ser provedora dos pais – regra geral das mães -. A maioria já está decretada nos fatos.

Registrou-se, como a mídia em geral vem aproveitando para promover indignação, que os jovens delinquentes estão a serviço de adultos bandidos. Há que concluir, portanto, que os “menores delinquentes” tiveram sua maioria decretada ao ingressarem num mercado de trabalho altamente perverso. Ampliar a maioria é, conseqüentemente, instituir o ingresso no mercado de trabalho como reconhecimento de que ações contra a legislação trabalhista devem ser legais.

No caso da Comissão Mineira de Folclore, defendemos que assuntos, que hoje são postos a cargo das instituições judiciárias, devem ser objeto, em primeiro lugar, da Educação. Defendemos que as escolas são a única instituição do Estado à qual as famílias confiam os filhos. Conseqüentemente, há que imputar ao desempenho das instituições de educação a extinção, diminuição ou aumento da delinquência juvenil e adulta. Ainda da parte da Comissão Mineira de Folclore, o tema debatido nos convoca para estudar em profundidade as representações populares de Justiça e Vingança, posto que são essas que a mídia vem explorando com frequência por entender que é assim que quer o “povão” e dessas que políticos oportunistas se valem para captar votos.

José Moreira de Souza



Artigos

BOM JESUS - DE PIRAPORA

Mons. João Bueno Gonçalves: Curso de Folclore:

Aparecida SP, 1960. p. 174-177.

ORIGEM - Em o ano de 1663, a algumas dezenas de léguas de São Paulo, num lugar então chamado - Naruci -, hoje, BARUERI, vivia florescente uma próspera *Redução* de índios domesticados e catequizados, dirigidos por alguns Padres Missionários Jesuítas. Vivia essa gente uma vida - diríamos de comunidade - de dia, trabalhando na roça, e de manhã cedo e à noite, na igreja dedicada a Nossa Senhora da Escada. Ora, juntamente nesse ano, o povo de São Paulo começou de ressentir a falta de braços não só para suas lavouras, mas até para outros trabalhos triviais. Urgia - se, pois, se arranjassem os braços de índios - escravos. - Diante disso, os olhares da Câmara e do povo paulistano voltaram - se para o Aldeamento ou Redução do Barueri. - Mas, quem teria tanta coragem de ir até lá, enfrentando as fúrias e as excomunhões dos Padres Jesuítas, e de lá trazer prisioneiros os milhares de índios que lá moravam? - lembraram - se então de famoso bandeirante Raposo Tavares, homem destemido e mestre em capturar índios.

- Em uma alta madrugada desse ano de 1663, acompanhado de Pero Leme (o Moço), Manuel Pires, Paulo Amaral (seus auxiliar imediato), irrompe pelo aldeamento de Barueri o famoso Raposo Tavares a frente de várias centenas de homens armados. - Foi um assalto fulminante e total. Enquanto uma parte dos invasores mantinha aceso um cerrado tiroteio, outra parte se incumbia do aprisionar índios, e outra ainda de arrasar e de incendiar tudo. A igreja de Nossa Senhora da Escada foi saqueada e incendiada; suas alfaias incineradas; suas Imagens atiradas ao rio Tietê que corria ali ao lado.

- Ora, uma dessas Imagens - de 1 metro e 10 cm. De altura mais ou menos - representando, em cópia, o Senhor Bom Jesus do Matozinho, lançado nas águas do Tietê, foi aparecer a algumas dezenas de quilômetros mais abaixo, num local, então denominado "Salto de Pirapora".

Encontrada essa Imagem. Que jazia enroscada ali à beira do rio, por alguns pescadores, resolveu-se levá-la, em piedosa peregrinação, até a Igreja da Vila de Sant'Ana do Parnaíba (Igreja Paroquial) a uns vinte quilômetros distante dali.

Marcou-se o dia dessa Procissão. O povo de Parnaíba, ciente e alegre, enfeitou as ruas da sua cidade para receber a Imagem Veneranda.

Para a condução da Imagem, ajeitou-se um carro-de-bois, puxado por três juntas. E de um casebre, nas imediações do "Salto de Pirapora saiu aquela piedosa procissão ao som de hinos sacros e sob espocar de foguetes. - Depois de uns dois ou três quilômetros mais ou menos do caminho, à margem do Tietê, justamente onde hoje se levanta o Santuário do Bom Jesus de Pirapora, o carro parou... O carro parou ... porque os bois não tinham mais forças para puxá-lo! ...

De nada valeram os chuços cortantes das enraivadas agulhadas dos carreiros! As três juntas de bois não andavam, não obstante os esforços bovinos dos seus musculares arrancos. - Então, mais três juntas de bois encangados trouxeram para ali. Eram agora seis juntas, eram agora doze bois!... - O povo também ajudava! O alarido de todos concitando os bois era uma gritaria infernal! Raivosos caíam as agulhadas nos dorsos esticados daqueles bois!... Mas, o carro não andava!

- De repente, sobrepondo-se ao vozerio ululante daquela pobre gente, uma voz masculina, pausada, assim falou: "*É inútil! ... Porque este é o lugar que esta Imagem escolheu para aqui ficar!*" De hoje em diante, levante - se neste lugar uma igreja para esta Imagem!" - De quem teria partido aquela voz!?

Ninguém sabia, ninguém soube! ... Atônitos, todos ficaram em respeitoso silêncio.

Tempos depois, entronizado num altazinho tosco dentro de uma pobre Capelinha, lá estava a distribuir graças e favores aquela Veneranda Imagem do SENHOR BOM JESUS DE PIRAPORA! - De dia para dia se avolumava a devoção popular em torno daquela Imagem. - Sucediavam-se as visitas e romarias de gente vinda de outras paragens circunvizinhas e mais d'além. E as graças e os favores - sem intermitências - também jorravam daquela Veneranda Imagem.

Demoliu-se aquela humilde Capelinha, em seu lugar levantou-se um formoso e vasto templo, - hoje o Santuário do Senhor BOM JESUS DE PIRAPORA.

Quem hoje visita o Santuário de Pirapora e assiste às suas festas celebradas nos dias 3,4,5 e 6 de agosto, fica a um tempo envolvido em ternuras e em júbilo ao rememorar o piedoso passado folclórico que ali está; mas, do outro lado, cheio de desencanto e de tristezas, lamenta baixinho o lamentável sepultamento de tantas e tão belas tradições populares que edificadamente externavam aqueles lugares, desde suas ruelas e praças até o recesso onde se encontra a Imagem Milagrosa. - Desapareceu o Folclore de Pirapora. - A civilização, o "progresso", o asfalto, a incompreensão, o desamor ao nosso passado e às nossas tradições a que tanto abrigaram. - Que pena!

**Vamos visitar
o Museu de
Folclore da
Comissão
Mineira de
Folclore,
"Saul
Martins", na
cidade de
Vespasiano**

Artigos

O SANTO NOME DE DEUS NA FALA POPULAR

Antônio Henrique Weitzel

“E mesmo o meu avô não era um devoto. A religião dele não conhecia a penitência e esquecia alguns dos mandamentos da lei de Deus. Não ia às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um se Deus quiser ou tenho fé em Nossa Senhora.”
(José Lins do Rego – Menino de Engenho).

A fé popular não tem medida. O povo crê no Deus Criador, Senhor Absoluto de todas as coisas. Daí, confia na Providência Divina, tornando sua fala entremeada do nome de Deus, que confiantemente invoca. E não é um emprego vão, como desafiador do preceito bíblico lavrado no Decálogo confiado a Moisés no Monte Sinai: **“Non assumes nomen Domini Dei tui in vanum.”** (Êxodo, 20, 7) (*Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão*). Pode até ser que tais invocações sejam feitas por alguns “da boca para fora”, como se diz vulgarmente. Mas, para a grande maioria, é emprego constante e respeitoso.

Assim é que vamos encontrá-las:

01. Nos agradecimentos: “Graças a Deus! Deus lhe pague! Deus lhe aumente! Deus lhe dê em dobro!”

02. Nas aperturas: “Valha-me Deus! Pelo amor de Deus! Deus é grande! Meu Deus do céu! Valha-me Senhor do Bonfim! Deus me defenda! Deus não permita!”

03. Nas bênçãos: “Deus te abençoe! Vai com Deus! Deus o acompanhe! Dorme com Deus!”

04. Nos desejos: “Deus queira! Deus te ouça! Deus lhe dê uma boa hora! Deus lhe perdoe! Deus o tenha!”

05. Nos esconjurios: “Benza-o Deus! Deus me livre e guarde!”

06. Nas frases de caminhão: “Deus é a luz do meu caminho. (Muriaé-MG). Deus guia; eu dirijo. (Juiz de Fora-MG). Com Deus irei até o meu destino. (Santos Dumont-MG) Eu faço o que posso; Deus dá o que mereço. (Ubá-MG). Só Deus sabe onde estarei amanhã. (Juiz de Fora-MG). Com as graças de Deus, faço para o pão de cada dia. (Cachoeiro do Itapemirim-ES).”

07. Nas frases feitas: “Acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Entregar para Deus. Levar a vida que pediu a Deus. Dar a Deus o que o diabo enjeitou. Tentar a Deus. Como Deus é servido. Não temer a Deus nem ao diabo. Querer Deus para si e o diabo para os outros. Para ele, é Deus no céu e Fulano na terra. Lá em Deus me livre. Foi um deus nos acuda. Viver ao deus dará.”

08. Nos juramentos: “Por Deus do céu! Deus é testemunha! Juro por Deus! Tão certo como Deus está no céu!”

09. Nos propósitos: “Se Deus quiser! Tenho fé em Deus! Como Deus for servido! Mas Deus é quem sabe!”

10. Nos provérbios: “A sorte quem dá é Deus. De hora em hora, Deus melhora. Deus ajuda a quem madruga. Deus cochila, mas não dorme. Deus escreve direito por linhas tortas. Deus não dá asas à cobra. Deus, quando tarda, já está a caminho. Deus querendo, água fria é remédio. Deus sabe o que faz. Deus tira os dentes e abre a goela. Enquanto existir Deus no céu, urubu não come folha. Impossível é Deus pecar e o diabo confessar. Mais tem Deus para dar que o diabo para carregar. Para cima Deus me ajuda, para baixo Deus me acuda. Para Deus não tem altura, e para o ladrão não tem fechadura. Quem deve a Deus, paga ao diabo. O que a mulher quer, Deus o quer. (provérbio francês). Deus abençoa o procurar, não o encontrar. (provérbio inglês). Nó que Deus deu, o homem não pode desatar. (provérbio africano). Cada um em sua casa, e Deus na de todos. (provérbio espanhol).”

11. Nas saudações: “Deus te ajude! Deus te guarde! Deus te crie! Deus guarde a Vossa Excelência! Louvado seja Deus!”

12. Nas rezas e benzeções: É na quase totalidade dessas fórmulas que o nome de Deus, da Santíssima Trindade, da Virgem Maria e dos Santos se faz presente, como:

a) Reza para evitar mau-olhado (deve ser rezada pela manhã e à noite):

“Com Deus me deito, / Com Deus me levanto, / Com a graça de Deus / E do Divino Espírito Santo.”

b) Reza para quando se vai viajar, ao deitar-se, ao levantar-se, e a qualquer hora:

“Deus adiante / E paz na guia, / Encomendo-me a Deus / E à Virgem Maria.”

c) Benzeção para curar mau-olhado:

“Deus, quando andava pelo mundo, / Benzia dor de cabeça, quebranto e mau-olhado. / Assim como Deus não mente, / Mau-olhado de Fulano não vai adiante.”

(Rezar 3 ave-marias em louvor do Santo de sua devoção).

d) Benzeção para dor de cabeça:

“Fulano, eu te benzo este mal da tua cabeça, / Mas não sou eu que te benzo, /

Quem te benze são as Três Pessoas da Santíssima Trindade: / É o Pai, é o Filho e é o Espírito Santo.”

(Benze-se com 3 ramos verdes, fazendo sinal em cruz e, no final, reza-se um pai-

-nosso e uma ave-maria para as Três Pessoas da Santíssima Trindade).

e) Benzeção para a doença do sol (=insolação):

“Deus fez o sol, / Deus fez a lua, / Deus fez toda a claridade do universo

Artigos

grandioso. / Com a sua graça, eu te benzo, eu te curo. / Vai-te, sol, da cabeça desta criatura, / Para as ondas do mar sagrado, / Com os santos poderes / do Padre, do Filho e do Espírito Santo.”
(O benzedor vai fazendo cruzeiros na cabeça do paciente com três raminhos verdes, enquanto vai rezando essa fórmula. No final, reza um pai-nosso e uma ave-maria).

* * *

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA:

MONTREYNAUD, Florence et alii. **Dictionnaire de proverbes et dictons**. Paris: Les usuels de Robert Poche, 1990.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da fraseologia brasileira**. 2.ed. Rio: Freitas Bastos, 1968.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Des. de Santa Rosa. 8.ed. Rio: José Olympio, 1965. (Coleção Sagarana, 22).

VALENTE, Pe. José Francisco. **Seleção de provérbios e adivinhas em umbundu**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular. 2.ed. ver. e ampl. Rio/Juiz de Fora: Diadorim/EDUFJF, 1995.

..... **Vozes do saber das gentes**: pesquisas do saber paremiológico do povo na Zona da Mata mineira, principalmente no município de Juiz de Fora. Juiz de Fora: O Autor, 2001.

..... **Magia, religiosidade e superstição na cultura popular**: breve estudo das impatias, tabus, rezas, bezeções e credences do povo. Juiz de Fora: Franco Edit., 2007.

Bíblia Sacra – Vulgatae editionis. Parisiis: apud Garnier Fratres, Bibliopolas, 1868.

A FORÇA CRIATIVA DO ARTESANATO EM PIRAPORA

Domingos Diniz

Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Uma das formas de linguagem de expressão do povo é a arte traduzida em objetos reconhecidos pela coletividade – a arte popular. Do saber coletivo tirado da vida cotidiana de muitos nascem mais que as ideias. Nascem as expressões criativas, as maneiras que as muitas mãos acham para retratar o mundo vivido.

As ocupações silenciosas, modestas, muitas vezes vistas como ofícios menores, são os trabalhos que mostram a vida como que em miniaturas, a vida vista por dentro, por uma fresta da porta estreita que o conhecimento erudito desconhece.

Os homens e as mulheres olham com admiração e perplexidade a arte popular e o artesanato, que mostram seu viver de ontem, de um dia e, mesmo, de agora.

Ao ver a face de sua história saída das mãos do artesão, quem não se reconhece como homem e mulher, personagem deste território, deste tempo e lugar?

Referimo-nos à arte popular presente nos mercados, nas ruas, nas feiras, nas esquinas e nos cais. Falamos aqui do artesanato nascido, gerado, fora do ensino formal das academias. Falamos do que se aprende com o olhar atento de um menino ao lado do tio, ou do pai ou ainda do avô, que, juntos, no dizer de Carlos Rodrigues Brandão, aprendem uns com os outros. Dá-se a aprendizagem de forma espontânea, sem peias nem canga no aprender a fazer.

Este saber, melhor dizendo, esta arte folclórica, traz a experiência vivida, o *ethos* do povo, a dinamicidade de quem faz para sobreviver e criar a beleza e uma estética humanas, as quais tudo colhem da alma e tudo colocam entre as mãos.

Em Pirapora o artesanato é vasto e vário. Vai do crochê à rede do pescador; das cestarias aos arreios de couro e sedém do vaqueiro; das miniaturas dos vapores às carrancas; da pequena cerâmica aos santeiros. Sem dúvida alguma, as carrancas são as mais fortes expressões da arte popular em Pirapora e em todo médio e submédio São Francisco.

O termo *carranca* é moderno e foi criado pelos eruditos. Chamavam-na os remeiros de *figuras de proa* ou *figura de barca*. As carrancas eram esculpidas em madeira, policromadas ou não, do busto para cima e colocadas nas proas das barcas de frete, para darem-lhes mais beleza, fazendo-as conhecidas.

As carrancas compunham a arquitetura da barca; se a tirassem da proa, era como se se arrancasse um pedaço da própria embarcação.

A tipologia zoomorfa (cara de animal) ou zooantropomorfa (cara de gente e animal) e o uso em embarcações de médio porte fazem com que as carrancas



Artigos

sejam típicas e exclusivas do médio e submédio São Francisco (de Pirapora a Juazeiro, na Bahia). Nas barcas chamadas *sergipanas*, no baixo São Francisco, não se usava a carranca.

Antes, as carrancas eram usadas para enfeitarem a barca. Atribuía-lhes também o poder apotropaico, de proteção. Aquela caratonha bem na frente, rompendo as águas e espantando os maus espíritos que, porventura, se aproximassem. Era a carranca, sem dúvida, um totem. Pois nela há os três elementos básicos totêmicos: 1) a figura ou presença material; 2) o espírito ou a presença de Mana; 3) o tabu, já que não se permitia retirar a carranca da proa da barca, nem substituí-la por outra.

Não se pode precisar a época exata do início do uso da carranca nas barcas; há, por escrito, o registro sobre ela em 1888.

As carrancas, que comprovadamente navegaram nas barcas de frete, são as chamadas genuínas, hoje raríssimas só encontradas em museus ou nas mãos de colecionadores.

As carrancas modernas, na maioria das vezes, não seguem a tipologia das genuínas nem possuem o poder de proteção e o sentido totêmico. São apenas decorativas. Também os carranqueiros atuais não têm o espírito do rio.

O maior carranqueiro do São Francisco foi Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany (1884–1985), que nasceu em Santa Maria da Vitória, BA.

Em Pirapora, Davi Miranda Filho (1930–2006) foi o responsável pelo revigoramento das carrancas em Minas Gerais, esculpindo-as e colocando-as nas proas dos rebocadores da Companhia de Navegação do São Francisco. Seguiram-lhe as pegadas os carranqueiros dona Lourdes Barroso e o mestre Sabino. Hoje são muitos os carranqueiros em atividade: Welton Xavier dos Santos – atual presidente da Associação dos Artesãos de Pirapora, na rua 12, bairro Santa Teresinha –, Adão, Luzia, Gelson, Silvano, Marta, Natalino, Waldir Pereira, Waldir Nunes, *Dadá*, Adailton, Cláudio, Wagner, Sandra, *Tonho* e muitos outros. Na rua da Liberdade, encontramos Jorge *Carranqueiro*, que, além da carranca, faz miniaturas das barcas de frete.

Santeiro dos bons, Expedito Viana Rodrigues trabalha com madeira. Dele há uma bela imagem de São Francisco na praça em frente ao posto Três Palmeiras e ao Hotel Canoeiros. Faz também carrancas e miniaturas do vapor Benjamim Guimarães entalhadas na madeira. O seu filho Renan Santos Rodrigues segue-lhe os passos na arte de esculpir a madeira com muito talento. Expedito mora na rua Camilo dos Santos, bairro Pio XII.

Manoel Sílvio Alves da Silva foi ótimo santeiro. Suas imagens barrocas ficaram muito conhecidas na cidade. Os

folcloristas Saul Martins e Mari’Stella Tristão gostaram sobremaneira das imagens de Sílvio. Entretanto, ele hoje não mais faz imagens. Tornou-se evangélico. Mora em Buritizeiro e trabalha em Pirapora, literalmente na rua. Sua tendazinha fica no final da rua Mato Grosso, esquina com Presidente Kennedy. Lá está Sílvio com sua criatividade, fazendo em madeira: carros de bois, animais diversos, navios veleiros e qualquer peça que lhe encomendam.

Destaque para os trabalhos de reprodução, em miniaturas, dos vapores, especialmente o Benjamim Guimarães. Eis os mestres nessas miniaturas: Caio Ramos Ferreira, *Dondinho* (Dondicílio Alves do Nascimento), José Paixão, Maurício de Oliveira, Jailton, Pedro *Pintor* e a esposa, Cristina Lemos da Silva. Pedro, além das miniaturas, dedica-se à pintura figurativa e abstrata.

Os materiais utilizados nas miniaturas são: buriti (o pecíolo ou braça), madeira, fibra de vidro, latas recicladas com solda branca, papel-cartão, corda, tela de *nylon* e tinta-esmalte sintética.

É importante observar como os velhos vapores influenciaram e ainda influenciam os ribeirinhos. Sobretudo esses artistas populares.

Em Pirapora não há argila de boa qualidade. Logo, a cerâmica é menos expressiva. Há quem se dedique às miniaturas em cerâmica, expondo-as na feirinha, às sextas-feiras, na praça Cariris.

Aqui está um pouco da arte popular tradicional com seu estilo e inventividade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CARNEIRO, Édison. Artes populares: seu universo e diversidade. In: PONTUAL, Roberto. *Dicionário de artes plásticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

DINIZ, Domingos; MOTA, Ivan Passos Bandeira da; DINIZ, Mariângela. Rio *São Francisco*: vapores & vapozeiros. Pirapora: Edição dos Autores, 2009.

PARDAL, Paulo. *Carrancas do São Francisco*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1974.

SILVA, Brenno Álvares da; DINIZ, Domingos; MOTA, Ivan Passos Bandeira da. *Pirapora, um porto na história de Minas*. Pirapora: Prefeitura Municipal de Pirapora, 2000.

A cultura da violência

Antonio de Paiva Moura

A crise sistêmica atual e a crise ecológica estão provocando uma crítica e uma reação ao capitalismo de mercado, sustentado pela ideologia do Consenso de Washington (1989) O jogo sujo das privatizações carregou para o mercado financeiro enormes fortunas, mas em 2001 somente 8% das transações financeiras internacionais tiveram como objetivo a movimentação de capitais para financiar a produção de riquezas reais. O pior dano do neoliberalismo, contudo, foi o de ter corrompido mais ainda as sociedades, isto é, contribuiu para a degradação mental e ética da sociedade. A passagem dos indivíduos da condição de sujeito ético ativo para a condição de sujeito ético passivo foi a mais contundente das reviravoltas.

Algumas idéias morais favoreceram o desenvolvimento do humanismo e a busca do estado de bem-estar coletivo. Outras foram reacionárias, conservadoras e retrogradadas. Karl Marx (1818-1883) diz que as idéias morais são manifestações de superestrutura, condicionadas pelas relações materiais de produção. Por isso mesmo são variáveis no tempo e no espaço, como produto histórico que são. Desta forma, John Stuart Mill (1806-1873) afirma que é bom tudo que fomenta o bem-estar geral. Augusto Comte (1798-1857) aplica a máxima que diz “o bem é viver para outrem”. Na contramão dos pensadores humanistas do século XIX aparece o fundamentalista liberal Herbert Spencer (1820-1903) que sustenta na “sobrevivência dos mais aptos”, o bem supremo da ética. *Tudo que serve à vida, à vontade de poder, à sua sobrevivência, é bom: o que contraria ou impede é mau.* Spencer achava que um código de moral que não satisfizesse às provas de relação natural e da luta pela existência, estaria desde o começo fadado ao fracasso. (Durant, 2001) Spencer investiu contra todas as ações do Estado. Era contra a educação e a saúde públicas financiadas pelo Estado e à proteção governamental dos cidadãos contra empresários financeiros fraudulentos. Spencer chegava a ponto de mandar levar suas correspondências diretamente ao destinatário para mostrar que não precisava e não confiava no serviço público dos correios. Com a vitória da democracia e do ideal socialista na Segunda Guerra Mundial, essa ideologia liberal extremada foi derrotada. O neoliberalismo teve a ousadia de fomentar a ressurreição das idéias morais de Spencer.

A passagem dos indivíduos da condição de sujeito ético ativo para a condição de sujeito ético passivo foi a mais contundente das reviravoltas da atualidade. O sujeito ético ativo é aquele que controla interiormente seus impulsos, suas inclinações e suas paixões: discute consigo mesmo e com os outros o sentido dos valores e dos

fins estabelecidos; indaga se devem e como devem ser respeitados ou transgredidos por outros valores existentes; avalia capacidade para dar a si mesmo as regras de conduta; consulta sua razão e sua vontade antes de agir; não se subordina cegamente aos outros; responde pelo que faz; exercendo sua própria consciência, vontade, liberdade e responsabilidade. Sujeito ético passivo é aquele que se deixa governar e arrastar por seus impulsos, inclinações e paixões, pelas circunstâncias, pela boa ou má sorte, pela opinião alheia, pelo medo dos outros, pela vontade de um outro, não exercendo sua própria consciência, vontade, liberdade e responsabilidade. (Chauí, 1999)

A obrigação de consumir para ser “feliz” tornou-se uma obsessão, um fascínio. Os indivíduos tornaram-se reféns do desejo de luxo, bem-estar, boa forma, lazer, status, saúde, turismo, sexo, objetos e reconhecimento. (Barcellos, 2008) Tornar-se refém do consumo é o mesmo que perder a liberdade, tornar-se sujeito ético passivo. A condição primordial do sujeito ético ativo é a de ter poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta. A mentalidade presidida pela disposição de adotar a afirmativa de que “os fins justificam os meios”, isto é, que para alcançar um fim ou realizar um desejo “qualquer meio utilizado é válido”, foi incorporada à cultura ocidental da atualidade. Equivale dizer que um jovem de família de baixa renda tem uma namorada de classe média e de status superior. Para manter a falsa aparência, cobre a namorada de presentes e investe na própria aparência. Torna-se endividado e ameaçado pelos credores. Tenta sair da incômoda situação, mas os meios lícitos de que dispõe não resolvem. Parte, então, para qualquer meio que lhe vier na mente. Ai está a chocadeira dos ovos da serpente. O jovem acabou de pular para o rol dos sujeitos éticos passivos; envolvido pelo momento e pelas circunstâncias em que vive.

A mulher desempregada que se prostitui para sobreviver diz que não encontra outro meio de ganhar a vida, da mesma forma que a secretária executiva que cede ao assédio do chefe e diz que não houve meio de escapar da sedução são posições típicas assumidas com frequência pelo sujeito ético passivo. Na verdade, ao optar por um meio antiético de conseguir um fim ou de responder a um problema, o sujeito passivo age de “má fé” porque está fugindo da responsabilidade. Segundo Sartre, tomar atitude, fazer opção, assumir responsabilidade é sempre doloroso, sempre angustiante e daí a busca dos meios mais cômodos; daí a fuga da responsabilidade; daí esquivar-se da opção de dizer não. O homem que é responsável por alguma coisa não tem como escapar da angústia. Mas a angústia não o impede de agir. É, ao contrário, condição da ação, de vez que toda problemática ou fim almejado tem diversas opções de meios para alcançá-lo. (Sczuk, 2008) Quando o alcoólatra diz que não tem saída para seu problema está agindo de má fé porque na verdade ele não quer assumir a responsabilidade e nem a angústia da

Artigos

abstinência. Cai na comodidade do sujeito ético passivo. O terrorista que mata e se desculpa, dizendo que não tinha alternativa porque o partido ou a organização a que pertence lhe ordenou que matasse, age de má fé porque finge que sua existência está necessariamente ligada ao partido, quando de fato essa ligação é consequência de sua própria opção.

Portanto, a admissão de que “o fim justifica o meio”; a lei do menor esforço; a fuga da responsabilidade; o preconceito contra os serviços públicos; a alienação pela ambição de consumir são os arquétipos da cultura da atualidade, difíceis de serem removidos e, além disso, anulam as perspectivas de amenizar a violência., na atualidade e em futuro breve.

Referências

BARCELLOS, Gustavo. *A alma do consumo. Lê Monde diplomatique Brasil*. São Paulo, n. 17, dez. 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

DURANT, Will. *Os grandes filósofos: Herbert Spencer*. Tradução de Maria Thereza Miranda. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 2001.

SCZUK, Isais Kniss. *O experimentalismo em Jean-Paul Sartre. Ciência e vida: Filosofia*. São Paulo, n. 27, 2008.

Publicado no Boletim de História n. 340 outubro de 2011.
boletimdehistoriaricardo.wordpress.com

A Folclorização do Folclore

José Moreira de Souza

Ao assumir a presidência da Comissão Mineira de Folclore, no ano de 2012 – o diabo sabe para quem ele aparece – uma questão se tornou insistente: o que as pessoas entendem pelo termo “Folclore”?

Reli atas das assembleias da Comissão e encontrei inúmeros protestos dirigidos a autoridades e formadores de opinião sobre o emprego indevido do nome, tal como o entendem os folcloristas. Regra geral, os protestos foram motivados pela interpretação preconceituosa da palavra folclore. “O folclórico deputado”; “isto já está virando é folclore”; “essas são coisas para fazerem parte do folclore”; são expressões que circulam nos meios de comunicação.

De outra parte, vemos grupos se apropriarem do termo como se folclore fosse uma realidade promotora de seu saber fazer. A denúncia de Carlos Rodrigues Brandão merece registro: “Uma figurante carregava um estandarte onde todos liam “Este Fouclore agradece e pede passage”. Algumas pessoas veem nisso a extraordinária capacidade de o folclore se adaptar a tempos novos. Eu pensava que um modo popular de buscar símbolos entre os homens começava a morrer” *Sacerdotes de Viola* (1981, p.14).

Penso; há termos eruditos que caem no domínio popular e lhes dão um sabor especial. Outros se mantêm fechados na caixa preta das especialidades. Exemplos do primeiro caso é psicologia, economia e filosofia. É frequente ouvirmos: “minha psicologia indica que fulano está iludindo os outros”; ou “fulano filosofou bem”, “eu agora estou filosofando”; “minha filosofia é esta...”; ou “estou fazendo muita economia”. Ninguém diz, por outro lado: meu direito, minha sociologia, minha medicina, minha literatura, minha geografia, minha psicanálise...

Surge nova pergunta: por que Direito não se populariza, não entra na boca do povo?

Fico com os extremos. De um lado, o emprego da palavra folclore como indicação de identidade deteriorada – fulano já é folclore -; e o enobrecimento das manifestações populares como “fouclore que agradece pede passage”, de outro lado.

Minha conclusão, antes de concluir é que o movimento dos folcloristas, ao se confundir com o populismo, contribuiu para ambos fenômenos. Da parte da deterioração, convocou os controladores dos meios de comunicação a se indignarem com a valorização do cotidiano trivial. Vale lembrar como a imprensa reagiu a uma fala de Aluísio Pimenta, proferida do lugar de ministro da Cultura:

Artigos

– “A broa de fubá é cultura”. Rararara! Ecoou por todos os lados. Eis a cultura do Ministro!

O populismo e os folcloristas ao seu lado defenderam as manifestações populares e julgaram-se na condição de classificá-las, organizá-las e regulamentá-las. O efeito disso seria o comparecimento no espaço público com nova identidade.

- Agora, sua arte é folclore, seu canto é folclore, sua dança é folclore; sua crença é folclore...

No Brasil, logo no início do movimento, os folcloristas se deram conta da confusão e determinaram a diferença entre folclore – com minúscula - e Folclore – com maiúscula. Nesse instante, a causa já estava perdida. Ninguém fala em minúscula e maiúscula. Folclore é folclore e Folclore é folclore na fala. Poranduba, Demosofia e outras palavras foram ensaiadas para evitar a cacofonia. Não deu certo.

A conclusão para início de conversa, portanto, parece ser a de que o estudo do saber popular - demosofia – não se confunde com o saber popular. O saber popular é mais rico do que seu estudo. Por outro lado, a necessidade de o Estado por a mão em tudo que se refira ao povo, visto ou não como cidadão, trará sempre como consequência que

palavras empregadas assumam conotação no interior de suas políticas. Disso temos exemplo atualíssimo com a questão quilombola.

Tenho visitado alguns povoados de interesse dos movimentos empenhados em certificar “remanescentes de quilombos”. A autoidentificação é um dos requisitos. Num deles, perguntei:

- Estão todos de acordo?

Resposta:

- Tem gente que está, tem gente que não.

- E o que significa para vocês obterem a certificação?

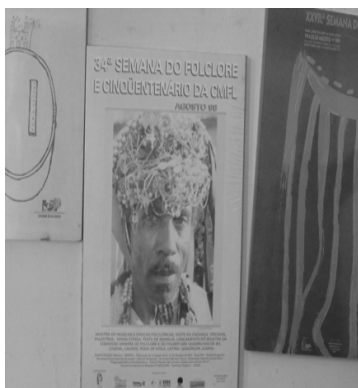
Resposta:

- É um título que eles querem dar para a gente.

Tenho uma pergunta final. Então o que é autoidentificação? Os devotos de Nossa Senhora do Rosário nos disseram em um seminário sobre “Identidade Étnica”.

- Antes havia guardas de Congo, de Moçambique, de Catopé, de Marujo. Hoje tudo é congado!... Congado, não: Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Está é nossa identidade.

Moral desta história: quando o Estado que se diz democrático e liberal, pauta-se pela ortopedia entendida como pedagogia; não suporta anarquia. Quer tudo muito bem organizado, no seu lugar devido. Todos devem se identificar, mesmo que a autoidentificação seja imposição.



Vamos visitar o Museu de Folclore da Comissão Mineira de Folclore, “Saul Martins”, na cidade de Vespasiano



PARA QUEM ACREDITA
NO MUNDO ENCANTADO,
A CIÊNCIA É UM DOS
CAMINHOS DA MAGIA.

Aos confrades da
Comissão Mineira de Folclore
ofereço com alegria,
PARABEM!
-Frei Francisco van der Poel
4/4/2013



Agradecimentos

Você já pensou na diferença entre dizer: “Agradecido” ou “Muito Obrigado”; Ou “Seu criado obrigado”; no saber popular?

Agradecido quer dizer que o outro lhe passou alegria, graça. Você se tornou engraçado, feliz, contente, alegre. Obrigado – você tem que retribuir tornando-se preso ao que lhe foi doado, era uma vez sua liberdade de ser alegre e engraçado.

A Comissão Mineira agradece

Ao professor doutor Mauro Lúcio Leitão Condé, vice-diretor da Fafich pela orientação e pela disposição de agendar espaço na nossa FAFICH para realização desta 47ª Semana Mineira de Folclore, sem retribuição.

Ao professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves, presidente da AFAGO, que, com elevada competência, programou no sítio

WWW.afagouveia.org.br todo o material gráfico desta Semana e de todas as ações da CMFL

A jovem artista gráfica Luiza Carstens pela elaboração do Cartaz desta Semana, sem nem mesmo conhecer a quem se destinava.

Antecipadamente agradece a todos os que atenderão ao nosso convite de conversar tendo como foco o saber popular transmitido por relações pessoais.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 03-13– Junho - Agosto 2013.

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Domingos Diniz

Secretária: Elieth Amélia de Sousa

Tesoureiro: Luiz Fernando Vieira Trópia

Conselho Fiscal da CMFL

Águeda Moraes de Carvalhaes e Kallás

Antônio de Paiva Moura

Frei Francisco van der Poel

IMPRESSO

Endereço para Correspondência

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

